

A PARASEQUÊNCIA COMO UM CONCEITO EM PROCESSO DE REDEFINIÇÃO: LIÇÕES DO CONFRONTO ENTRE O MODELO DA ESTRATIGRAFIA DE SEQUÊNCIAS E AS OBSERVAÇÕES NO QUATERNÁRIO

Michael Holz¹

¹ UFBA

RESUMO: O trabalho contribui para a discussão sobre a redefinição do conceito clássico de “parasequência”, que surgiu junto com o similar conceito dos PACs em meados dos anos oitenta e popularizou-se durante a década de noventa como a unidade fundamental dos tratos de sistemas geométricos das seqüências deposicionais. Originalmente definida como “uma sucessão relativamente conforme de estratos geneticamente relacionados e delimitada por superfícies de inundação” por John Wagoner em 1985, era tida como uma unidade sedimentar de quarta a quinta ordem hierárquica, com duração de dezenas a centenas de milhares de anos. Alguns anos depois, o conceito foi ampliado por autores como Donald Swift e James Thorne, que reconheceram “parasequências” com base erosiva, propondo uma classificação na qual a de Van Wagoner seria apenas um dos cinco possíveis tipos. Atualmente, na busca por padronização do arcabouço conceitual e terminológico da estratigrafia de seqüências por um grupo capitaneado por Octavian Catuneanu, o conceito de parasequência está em franca revisão. Um dos motivos disso é a sua não-aplicabilidade no contexto de sistemas não parálicos (e.g., fluvial e marinho profundo), onde as superfícies de inundação como limitantes não tem significado. Existe uma tendência é de chamar de “parasequência” todos depósitos cíclicos de espessura métrica, proposto originalmente por Guy Spence e Maurice Tucker. Outros (e.g., Asthon Embry) acham que o termo deve ser abolido por completo. Além dos problemas conceituais citados, o conceito original de Van Wagoner embute um outro problema, que é o enfoque do presente trabalho: a duração dos ciclos. Uma parasequência de quinta ordem, por exemplo, é uma unidade com alguns metros de espessura e com um tempo deposicional da ordem de alguns milhares de anos, refletindo a oscilação de alguns metros do nível do mar. Porém, estudos do Quaternário reconhecem variações da ordem de mais de 100 metros do nível do mar em períodos de tempo da ordem de 10 a 20 mil anos. Autores como Bloom na década de setenta falam que a 17 mil anos, o nível do mar estava 110 metros(!) mais baixo que o atual, e mesmo trabalhos mais recentes sustentam que 10 mil anos atrás o nível do mar estava 120m abaixo do atual. Portanto, pelos estudos do Holoceno, há registros de variações do nível do mar da ordem de uma centena de metros em um tempo da ordem de 5 a 10 mil anos. Analisando isso sob o enfoque de um estratígrafo, existe claramente um problema que nunca foi adequadamente focado: pelo arcabouço conceitual da Estratigrafia de Seqüências, uma variação de 100 metros corresponde a um ciclo sedimentar de terceira ordem para cima e devia ter a duração de milhões de anos, formando seqüências deposicionais espessas e regionalmente mapeáveis, enquanto que a duração de 5 a 10 mil anos seria correspondente a ciclos de 5 e 6 ordens. Portanto, existe um problema entre dados do Holoceno e modelo estratigráfico que precisa ser focado e considerado, e que pode contribuir para depurar e redefinir o conceito de parasequência.

PALAVRAS-CHAVE: PARASEQUÊNCIA; ESTRATIGRAFIA DE SEQUÊNCIAS; QUATERNÁRIO.